



Mineiro Aires promete OE atenta às "novas realidades da profissão"

No seu discurso de tomada de posse, o novo bastonário da Ordem dos Engenheiros, Carlos Mineiro Aires, assegurou uma associação profissional "integradora, em constante actualização e modernização" e ofereceu apoio aos expatriados

PÁGS. 8-10



Eleições

"A OE não pode deixar de estar do lado da responsabilidade social"

O novo bastonário da Ordem dos Engenheiros (OE) promete uma Ordem "integradora, em constante actualização e modernização" e defende uma maior articulação entre esta associação profissional e as suas congéneres, como a Ordem dos Economistas, por exemplo



D.R.

Pedro Cristino

pcristino@construir.pt

No seu discurso de tomada de posse, Carlos Mineiro Aires assegurou que a Ordem dos Engenheiros (OE) será "uma associação profissional integradora, em constante actualização e modernização" que promoverá "um dos maiores activos nacionais que é a capacidade da engenharia portuguesa". Para o recém-empossado bastonário da OE, esta associação "terá de saber ajustar-se para dar resposta a

duas questões essenciais que justificam a sua existência" e que consiste na profissão e no futuro - "o da própria Ordem e o dos engenheiros.

"Custos intangíveis" da expatriação

Durante a sua intervenção, Mineiro Aires lembrou que os dois exercícios anteriores da Ordem dos Engenheiros, que integrou enquanto presidente da Região Sul, "coincidiram, muito possivelmente, com o pior momento que a engenharia e

os engenheiros portugueses atravessaram desde a existência da nossa associação profissional". Neste contexto, o bastonário sublinhou a saída de profissionais de engenharia lusos - "bem formados e reconhecidamente capacitados" - do país para outras geografias, uma expatriação que apresenta custos "ainda intangíveis, por não estarem devidamente avaliadas as consequências da falta que virão a fazer ao nosso país, a curto e médio prazo". O responsável máximo da OE salientou também que

"este novo quadro" levou também ao "desemprego e a remunerações degradantes" dentro da profissão. Para Mineiro Aires, os países desenvolvidos "têm de estar apoiados em organizações e instituições sólidas e de prestígio, onde o conhecimento específico alvitre". Neste contexto, o engenheiro referiu o "não rejuvenescimento dos quadros da administração pública, já por si debilitada por decisões que a enfraqueceram, por vezes unicamente baseadas em critérios pouco pensados e que apenas visam cor-



Eleições



D.R.

tes de custos sem olhar à necessidade de manutenção das competências e capacidades mínimas que são exigíveis a um Estado que se requer moderno".

Prestígio dos engenheiros "abalado" por diplomas

Carlos Mineiro Aires reiterou a "preocupação" com que a OE assiste a uma quebra na procura de cursos de engenharia, um fenómeno que, "para além de constituir uma ameaça para o futuro da nossa economia e para o nosso crescimento, põe em causa a viabilidade de algumas escolas de engenharia", e salientou que os responsáveis da associação permanecerão "disponíveis, atentos e preocupados com esta situação". Paralelamente, referiu que, durante os dois mandatos anteriores, entre 2010 e 2016, "suríram bastantes diplomas que prejudicaram o exercício da nossa profissão em diversas áreas", uma vez que "enfermam de interpretações por vezes muito discutíveis e sem razoabilidade" que, segundo a visão do bastonário, "constituem claras intromissões na área de actuação dos engenheiros e que vieram conferir a prática de actos de engenharia a outros profissionais, indo ao ponto de gerar situações que violam o próprio direito comunitário e que atentam contra a igualdade de direitos individuais no espaço da União [Europeia]". Para Mineiro Aires, o "prestígio da profissão, a dignificação do papel dos engenheiros na sociedade portuguesa e a noção da imprescindibili-

dade da profissão têm sido abalados" nos últimos anos. "Temos, em muitos aspectos, sido ignorados (...) mormente em situações em que a auscultação ou a participação dos engenheiros seriam decisões ajuizadas e bem vistas", sublinhou. Perante este cenário, o também presidente do World Council of Civil Engineers (WCCE) afirmou que a Ordem "sente que a profissão está muito aquém dos contributos que poderia dar e da importância que tem em todo o tecido económico e empresarial". Concluindo o balanço, o bastonário apontou ainda a "impossibilidade de a

Ordem dos Engenheiros poder criar novos colégios de especialidade, numa altura em que a evolução da engenharia é imprevisível", situação que origina da Lei 123/2015 que estabelece os novos estatutos desta associação.

"Papel fundamental" rumo a um futuro melhor

Segundo o recém-empossado bastonário da OE, o caminho para um futuro melhor passa "obrigatoriamente pela aposta nos jovens e na sua qualidade e qualificação, no conhecimento e no procurarmos ser

diferentes, inovadores, empreendedores e competitivos, ou seja, um futuro melhor passa forçosamente pelos engenheiros e pela engenharia". "As pontes e os caminhos para esses horizontes de esperança, mesmo virtuais, podem ser exequíveis", bastando, para tal, "a vontade e o acreditar que é possível construirmos um futuro melhor, caminho em que os engenheiros terão sempre um papel fundamental". Carlos Mineiro Aires garantiu ainda que a Ordem estará "atenta às novas realidades da profissão, procurando apoiar os membros expatriados e a internacionalização da engenharia" e salientou, neste âmbito, o papel da associação no relacionamento com outras associações internacionais congéneres. "Continuaremos a ser uma Ordem apostada na cooperação, baseada na reciprocidade e na entajuda entre os países, ciente da universalidade dos princípios éticos, deontológicos e comportamentais por que se regem os engenheiros", reforçou.

"Ingredientes para um país melhor"

Na sua intervenção, o bastonário cessante da Ordem dos Engenheiros salientou que, nos últimos quinze anos, "tem-se assistido a um lento desmantelamento e desvalorização da capacidade técnica do Estado, designadamente em engenheiros, suprimindo as suas funções de planeamento e de apoio à decisão de investimento, passando a recorrer quase em exclusividade a empresas de consultoria externas". Ao mesmo tempo, "temos assistido



D.R.



Eleições

a processos de decisão política em relação a investimentos públicos sem a devida e necessária sustentação técnica, económica, financeira e ambiental, numa lógica muitas vezes do "porque sim" ou porque temos de avançar e sem a garantia de que essa decisão seja a mais ajustada aos interesses do país". Perante isto, Carlos Matias Ramos explicou que existe, "aqui, uma contradição", porque a sociedade e as outras profissões "apropriam-se" da engenharia para credibilizar as suas acções e o seu discurso, mas a engenharia, a legítima proprietária de tal designação, é alvo de desconsideração por parte de quem tem a seu cargo as decisões do país". Neste contexto, o bastonário cessante garantiu que a OE se empenhou "verdadeiramente, ao longo destes seis anos, para que a situação fosse alterada", através da "apresentação de propostas e na discussão dos diplomas legislativos", nos quais procurou ser "constitutiva, justificando sempre o porquê das nossas preocupações nas formulações apresentadas". Neste sentido, o novo bastonário terá pela frente o desafio de "tentar inverter esta situação, que se traduz na produção de documentos legislativos que não valorizam as competências profissionais". Numa óptica de "minimizar os efeitos da crise", o antigo presidente do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) lembrou a "particular atenção" que a OE deu a "iniciativas no âmbito da internacionalização da nossa engenharia, da valorização do ensino, da elaboração dos actos de engenharia por especialidade, da implementação de medidas com vista a garantir uma melhor resposta nas várias vertentes internas e de relação com os membros, e da elaboração de documentos legislativos e normativos", dos quais destacou a publicação do novo estatuto. Na despedida do palanque, Carlos Matias Ramos lembrou que o país "tem os ingredientes determinantes para ser um país melhor - os seus engenheiros", que têm como propósito ser "agentes activos na construção de um país que se pretende moderno e socialmente justo". Relativamente a Carlos Mineiro Aires, Matias Ramos afirmou saber que o testemunho que transmitiu "vai ser agarrado com toda a energia" de que o novo bastonário dispõe, "liderando uma equipa empenhada ao serviço de uma engenharia de qualidade e, consequentemente, dos engenheiros, da nossa Ordem e de Portugal". ■

MINEIRO AIRES DEFENDE ARTICULAÇÃO DA OE COM ORDEM DOS ECONOMISTAS

O recém-empossado bastonário da Ordem dos Engenheiros (OE) defendeu a articulação desta associação profissional com outras ordens profissionais, "nomeadamente, a Ordem dos Economistas".

Em declarações ao Construir, Carlos Mineiro Aires destacou que uma das suas prioridades enquanto bastonário será a de impulsionar a imagem da OE para patamares mais elevados e que uma das formas consiste na referida articulação com outras associações profissionais e sugeriu que a ordem que representa poderá fazer "eventos conjuntos" com a Ordem dos Economistas.

"Tanto se fala de economia e esta tem sempre lugar na televisão, portanto, que haja também lugar para a engenharia", referiu, explicando que ambas as instituições poderão "fazer muito em conjunto".

No âmbito da cerimónia da tomada de posse do cargo de bastonário da OE, o também presidente do World Council of Civil Engineers (WCCE) revelou ao Construir que, "numa primeira fase", as suas prioridades neste novo mandato assentam em "arrumar as coisas em casa, tentar estruturar o modo de funcionar com algumas diferenças e partirmos para uma vida nova, do meu ponto de vista".

Questionado sobre o que pretendia mudar na OE, Mineiro Aires apontou "a forma de articular e resolver as questões". "Tenho uma grande vocação para delegar, para ter gente de confiança à minha volta e ter as coisas a funcionar como uma máquina oleada, pois uma organização como a Ordem tem de ter a máquina oleada", explicou.

Por outro lado, há também que "começar a estruturar as grandes linhas de actuação com vista a servir os membros nos próximos anos", num prisma de mobilidade e "dentro do caminho que a Ordem tem vindo a traçar nos últimos anos". Para este engenheiro, "foi feita muita coisa boa" pela OE, "embora, às vezes, se pretenda ignorar isso". Assim, o recém-empossado bastonário pretende "dar seguimento a esse caminho" com uma grande "proximidade aos jovens engenheiros e membros da OE".

Paralelamente, Carlos Mineiro Aires deixou o desejo de que "o Governo e a Assembleia da República olhassem para a Ordem de outro modo e nos desse oportunidade para falarmos, compreendendo as questões que enfrentamos e a maneira como temos sido tratados nos últimos anos, que está longe de corresponder às expectativas que uma profissão como a nossa merece".

Sobre este cenário, o bastonário explicou que, nos últimos anos, a Ordem dos Engenheiros "teve uma certa, senão total, dificuldade em manter um diálogo mais chegado e permanente com o Governo". "Espero que essa visão mude", admitiu, rejeitando uma abordagem política à questão - "não gosto que a OE faça política e, comigo, de certeza absoluta que não fará". "Estamos a constatar uma realidade que é a necessidade de a Ordem ter de articular com os órgãos do Governo e da Assembleia da República com frequência, é uma questão de interesse nacional e podemos ajudar a resolver muitas questões por antecipação", sublinhou.

Simultaneamente, Carlos Mineiro Aires realçou a importância da articulação da OE com os jovens engenheiros. "Na Região Sul fizemos protocolos com todas as associações académicas e temos reuniões periódicas com elas", assumiu, explicando que é preferível "falar com um jovem, para saber o ponto de vista, a mentalidade e as preocupações que enfrenta, do que estar a tentar ler essas coisas". "A mentalidade e as preocupações agora não são as mesmas e é necessário articular com os jovens engenheiros para os entendermos e trabalharmos em conjunto, pois eles serão o futuro do país e da Ordem", concluiu.

Relativamente a desafios no seu mandato, o bastonário da Ordem dos Engenheiros não vislumbra "mais desafios do que os que existem hoje". "Para além de tentar impulsionar a imagem da profissão e dos profissionais de engenharia, os desafios centrar-se-ão na internacionalização", revelou. Segundo Mineiro Aires, é necessário "criar pontos de ancoragem para os nossos membros expatriados e criar linhas de amarração a Portugal, pois os engenheiros têm de pensar que têm uma ligação forte ao país". Neste âmbito, é útil "saber onde andam os expatriados e fazer de cada um deles um embaixador, um contacto, quer para acolher outros profissionais, quer para os chamarmos de volta quando quiserem regressar".

Para o responsável da OE, isto é "criar realmente uma engenharia global do país, bem como a marca Portugal, que está hoje pelo mundo pela qualidade e capacitação que temos". Por outro lado, há, internamente, "muito por fazer e corrigir". Uma das questões a corrigir é, para Mineiro Aires, "a maior injustiça que foi feita aos engenheiros" e que consiste na "equiparação de engenheiros com cinco e seis anos de formação a licenciados pós-Bolonha com três anos de formação".

"Isso já foi corrigido em Espanha e, aqui, incompreensivelmente, os políticos decidiram fazer essa equiparação absurda", reclamou, explicando que "um profissional com três anos de formação não tem as mesmas capacidades face a um profissional com cinco ou seis anos de formação". Esta situação representa, para Mineiro Aires, "um disparate legislativo" e o acto de "nivelar por baixo" o que é, para si, "muito mau".